

LEITURAS E REAÇÕES DE JUVENTUDES AOS SINAIS DE NOSSO TEMPO

Rosemary Fernandes¹

Resumo: Vivemos tempos de intensos desafios que trazem sentimentos de inadequação, paralisação da ética, ausência de laços e compromisso. Nestes entrecruzamentos, cada sabedoria também se entrecruza, nos provocando a muitos olhares que podem confluir. Muitas juventudes estão conscientes da gravidade desse processo e reagem como protagonistas na direção de um novo tempo. Nesta breve reflexão, caminhamos por algumas propostas que estão sendo implementadas pelos movimentos de juventudes espalhados em nosso chão comum.

Palavras-chave: juventudes – encruzilhadas – bem-viver – sabedoria das frestas - policrise

Estamos vivendo um dos tempos mais desafiadores da história do planeta Terra, com seus mais de 4 bilhões de anos. Aqueles que se chamam seres humanos conseguiram, em muito pouco tempo, esgotar os recursos vitais e destruir espécies com sua arrogância soberana e ignorante em relação ao equilíbrio cósmico. Contudo, nossos mestres e mestras que bebem nas fontes da ancestralidade retomam a profecia presente na sabedoria das brechas.

Dos ensinamentos bíblicos, recebemos a lição decisiva do '**pequeno resto de Israel**', que assume o sentido de fidelidade, resistência e perseverança daqueles que, mesmo oprimidos, zelam pelas promessas de Deus, assumem e profetizam o legado, confiantes no Amor que tudo orienta. (Cf. livro de Jeremias 31,1-6)

Dos ensinamentos afro-brasileiros, recebemos a **sabedoria das frestas**, que são encarnadas e enunciadas pelos corpos transgressores e resilientes, como nos ensina Luiz Rufino². São corpos que potencializam saberes ancestrais, reinventando a vida como possibilidade e reivindicando o senso ético nos caminhos entrecruzados.

Dos ensinamentos dos povos originários, recebemos o legado da **profunda integração entre todos os seres**, entre todo o cosmos, como um só organismo, onde todas as dimensões são interdependentes. A destruição implementada por seres humanos vai dialogando com a resistência do organismo em que todos vivemos e encontrará novas formas de existência. Leonardo Boff nos exorta a mantermos o sentimento de pertença, de irmandade, concórdia e respeito com toda a comunidade vivente.³

Dos ensinamentos científicos, recebemos a **consciência da policrise** em que estamos imersos e a esperança de que as juventudes sejam o nexo que liga o passado e o futuro. O que poderia ser realizado neste sentido? Perseverar legados culturais, espirituais, dialógicos, políticas solidárias, direcionando o pensar coletivamente, dialogando com empatia e compaixão.

¹ Teóloga, assessora do MEL (Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras), professora do setor de Cultura Religiosa na PUC-Rio, membro da Comunidade Batismo do Senhor, Duque de Caxias, RJ.

² Cf. RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019, p. 9.

³ Cf. BOFF, Leonardo. *Ecologia. Grito da terra, grito dos pobres*. Petrópolis; Vozes, 2015.p. 403.



Daniel Hoyer, do SocialAI Research Group e George Brown College⁴, no Canadá, nos fala de mudar a direção caótica para onde o mundo está sendo conduzido, imaginar novos sistemas sociais e confrontar o *status quo*, alterando modelos e padrões que só beneficiam guetos bilionários.

São **encruzilhadas**, são entrecruzamentos, e cada sabedoria também se entrecruza, nos provocando a muitos olhares que podem confluir. Não há espaço para a resignação ou conformidade ao sistema. Mas sim, há espaço para, diante dos contextos apresentados, desapertarmos os nós até que desatem. Há espaço para não apenas falarmos de descolonização, mas de praticarmos essa transformação nas vidas particulares e comunitárias como formas de conversão de nossos próprios hábitos que comprometeram nossa liberdade de escolhas, naturalizando a hegemonia cultural, o pensamento único, a única forma de sistematizar e gerenciar a economia da casa comum.

O processo de libertação é próprio da encruzilhada. É lugar de discernimento e escolhas, acolhendo os desafios e as sabedorias de cada tempo. É processo de amorosidade e responsabilidade pela vida. É ainda processo de transgressão, de rebeldia, de invenção para além do que parece factual e paralisante.

Diante da antropologia dualista, dos modelos socioeconômicos, dos contextos de intolerância e comprometimento ético que nos trouxeram até este momento crítico da história, as juventudes chegam e vêm produzindo análises responsáveis que não apenas diagnosticam, mas que também apontam caminhos, propostas, estratégias criativas e viáveis para um novo mundo onde cabem todas as vidas e as próximas gerações.

As juventudes já estão conscientes de que não podem esperar nada de cima, do sistema imperialista que tudo fagocita e muito menos daqueles que detêm o poder de forma exploratória, centrados apenas no consumo ilimitado, desigual e na acumulação de capital. No entanto, para se tornarem protagonistas neste sistema autocentrado, é preciso conhecer o próprio sistema, encontrar suas brechas e agir nestes espaços, alargando-os e propondo novos caminhos.

Caminhemos juntos por algumas propostas que vêm sendo implementadas pelos movimentos de juventudes espalhados em nosso chão comum: **a sobriedade e a solidariedade; o apoio aos projetos mais próximos; a valorização dos bens culturais em sua diversidade e a integração com o bem conviver.**

A sobriedade como contraponto ao consumismo

O consumismo desenfreado é cruel em todas as suas formas: ele destrói o ambiente, produz trabalho precarizado, incentiva o trabalho sem descanso, provoca o desejo irreal de bens e produtos, isola as pessoas e seus relacionamentos, cria ilusões inalcançáveis, enriquece

⁴ HOYER, Daniel. Juventudes na policrise. Resiliência, colapso e oportunidade. In: *IHU on line*. Disponível em <https://ihu.unisinos.br/184-conferencistas/652681-prof-dr-daniel-hoyer>. Acesso 18 julho 2025.

poucos e empobrece muitos, produz guerras de todas as ordens, marginaliza e exclui os empobrecidos, adoece pessoas e toda a vida na terra.

Viver neste sistema é simplesmente ser cúmplice de suas consequências. Uma das estratégias do Bem viver que as juventudes têm abraçando e implementando em seus coletivos é **a cultura da sobriedade e solidariedade**. É viver com o suficiente, sem exageros, sem acumulação e consumo de bens que não são imprescindíveis à vida. É ainda viver de modo fraterno, solidário, onde haja uma distribuição dos bens, alegrias, dores, saberes e sabores, de forma a ninguém se sentir maior ou menor dentro do coletivo. O papa Francisco, em sua encíclica *Fratelli Tutti* (2020), na exortação apostólica *Laudate Deum* (2023) e na *Economia de Francisco e Clara* (2019), propõe “uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não depreda”.

Pensemos juntos, o que é preciso mudar em nosso dia a dia, em nossas casas, em nossos hábitos, em nossa forma de nos relacionarmos com compras e descartes? Cada atitude não é pequena, diminuta, mas é suficiente, impactante, faz diferença e convoca outras pessoas a viverem na sobriedade e solidariedade.

Apoio aos projetos mais próximos

Um dos imensos impactos ambientais, ecológicos, causadores de exploração de trabalhadores é o consumo de bens desnecessários e a acumulação ilimitada de bens, produtos, desejos insaciáveis. A nuvem que envolve tantas pessoas em sua prática consumista faz com que muitos não percebam sua conivência com as desigualdades e impactos profundos nas comunidades, cidades, estradas, emissão de carbono, exploração de trabalhadores, e muito menos de que são seduzidos infinitamente a compreender que a felicidade depende do seu status de consumidores.

As juventudes também estão atentas à complexidade dessa rede colonizadora e capitalista. Juntamente com a cultura da sobriedade e solidariedade, unem o importante filtro sobre não apenas ‘o que’ e ‘por que’ consumir, mas sobre ‘de onde’, ‘de quem’ consumir.

Consumir é estabelecer trocas entre o que produzimos. O trabalho justo e digno recebe dos empregadores um pagamento que se reverte em consumo de necessidades básicas que não são apenas alimentos e medicações, mas também espaços de descanso, de lazer, de saúde integral e afetiva.

Dai a importância em apostar em projetos locais. Essa escolha tem um papel estratégico, pois reavalia todas as etapas acima elencadas como condição para a decisão ética e solidária. Com isso, reduz o impacto nas estradas, poluentes, cargas, trabalhadores; concede reconhecimento aos trabalhadores próximos, locais, produzindo um ciclo econômico cooperativo; reinventa o biorregionalismo, como realidade geográfica, social e histórica – rural ou urbana –

que gera a distribuição dos bens como comuns; resgata o vínculo entre trabalho e vida – perdido no abismo do sistema que tudo engole.⁵

Retoma e recria o bem-viver como cooperação entre os territórios próximos, criando redes de comunhão, solidariedade, apoio mútuo, nas quais a interdependência gera uma economia que engloba a todos e a tudo que vive e sustenta a vida.

Valorização dos bens culturais em sua diversidade

Uma das muitas armadilhas do sistema capitalista consiste em criar unicidade nas ideias, na visão de mundo, na forma de nos relacionarmos e compreendermos a própria subjetividade, na forma de apreendermos bens culturais, valorizando apenas alguns e invisibilizando ou apagando tantos outros.

Esse processo seletivo é ideológico. Tem a função de nos compreendermos como únicos e universais, e criar um espaço ilusório de que somos iguais. E quem for diferente, precisa se adequar, entrar na bolha para ser reconhecido como parte desta hegemonia.

Ailton Krenak, em sua obra “*Ideias para adiar o fim do mundo*” (2019) nos alertou quanto a essa criação do conceito de humanidade única, que não apenas exclui as tantas ‘humanidades’ presentes no chão comum, como separa a humanidade da natureza, como se fossem duas entidades separadas e que a primeira olhasse para a outra como bem de consumo inesgotável.⁶

As juventudes também estão atentas a essa armadilha do sistema vigente e se enredam em muitos vínculos que apresentam suas originalidades, suas diferenças, nas formas de rezar, de pensar o mundo, de se alimentar, de construir linguagem, de viver os afetos e desafetos, de imaginar novos mundos, de gerenciar o re-existir.

Como fazem isso? Discernindo juntos quanto a essa armadilha a fim de perceber onde ela ‘nos pega’ e, a partir dessas constatações, criando novas formas de relacionamentos e aproximações com a imensa diversidade que enriquece o viver em todas as suas dimensões. São muitos os territórios, os corpos, as memórias, as religiões e espiritualidades. São muitas as artes, as danças, as pinturas, as linguagens, as canções, as danças. Para cada originalidade, há formas de viver, de gerenciar a vida. Não somos todas e todos iguais. É a diferença que nos constitui e nos ensina as intersubjetividades, que aproxima particular e coletivo, micro e macro, e nos faz viver e compreender a riqueza da pluralidade.

Assim, as vidas são gestadas, reverenciadas, reconhecidas. Assim também, trazemos à tona culturas que são invisibilizadas, apagadas, esquecidas, excluídas.

⁵ Para aprofundar essa perspectiva sugerimos a leitura de LATOUCHE, Serge. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

⁶ Cf. KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 21

Bem-viver e a integração com o bem conviver

O Bem-viver, experiência fundamental dos povos andinos, resgata em nós também a dimensão de profunda conexão com tudo e a reverência à Mãe Terra, que nos dá vida, nos sustenta, nos alimenta e conduz desde sempre.

Esse sentido de identidade e pertença interligados e amplamente conectado e interdependente, nos conduz ao cuidado com a Casa Comum. Recordarmos que é importante demarcarmos que esta concepção vem dos povos indígenas, de uma cosmovisão ancestral, uma sabedoria milenar, que aponta na direção de que os vínculos entre a terra e a natureza não podem ser quebrados.

Sendo assim, mais uma vez estamos diante de uma concepção profundamente ético-comunitária de economia. Nessa condição não há nada que possa ser descartado, nem pessoas, nem os demais seres, nem culturas. Descartar é retirar da visão, é produzir invisibilidade, sendo que, o que foi descartado, é real, presente e mantém sua conexão e interdependência com tudo e com todos.

Nos movimentos de Juventudes que nos inspiram nesta reflexão também estão presentes as muitas formas de nos relacionarmos com o Sagrado. Em povos, culturas, momentos históricos, antropologias, cosmovisões, os seres humanos foram encontrando compreensões e expressões diversas para esta relação. A experiência de se relacionar com o Sagrado, com a Transcendência, continua recebendo descobertas, contornos, vivências que convidam ao conhecimento, a aproximações e intersecções possíveis.

O Bem-viver se desdobra em uma mística que tudo integra, pois resgata em cada um de nós uma espiritualidade profunda. É uma experiência eco-espiritual que nos ajuda a deixar de considerar o ser humano como centro e amplifica nosso olhar, englobando todo o cosmos e nos entendendo como parte do mesmo. Chamamos essa espiritualidade integradora de mística, pois “*nela há uma força que constrói a integração com as lutas por justiça, fraternidade, dignidade, paz e vida plena. É nessa força que podemos também identificar uma nova semeadura, uma vida que emerge revolucionária, brotando de um chão aparentemente árido: a força da espiritualidade.*”⁷

O bem conviver é um princípio que orienta as trocas, as aproximações e as vivências ecumênicas, sempre apostando na perspectiva do encontro com seus desafios e possibilidades. As juventudes se descobrem em comunhão e, nesse processo, identificam afinidades, intersecções e, também, originalidades e separações. Podem encontrar, portanto, intersecção de credos, formas de orar, de expressar a reverência ao sagrado, de se comprometer eticamente e construir utopias.

⁷ BOFF, Leonardo e MIRANDA, Márcia. O caminho do Bem Viver: uma mística libertadora. In: COSTA, Rosemary Fernandes e ROCHA, Felipe (orgs.) *A Mística do Bem Viver*. Belo Horizonte, Senso, 2019, p. 11

Como nos diz Michel Amaladoss - “O único jeito de se viver em conjunto num mundo pluralista é aprender a viver juntos como comunidade.”⁸ Não podemos, portanto, negar a diversidade de tradições e expressões das espiritualidades, ou mesmo catalogá-las ou criarmos intolerâncias e formas de dominação.

Bem conviver com a pluralidade religiosa é construir os caminhos dialógicos autênticos, através de vínculos sólidos, comunitários, redes de apoio, escuta, sororidade, fraternidade.

Em suas múltiplas atividades se reconhecem e trabalham em rede, as diferenças não apenas são aceitas e reverenciadas, mas conduzem às trocas fecundas, construindo, por meio destas, novos significados.

Mas, quem são essas juventudes?

Essa deve ser a pergunta que percorreu sua leitura ao longo dessa reflexão. E deixamos para responder ao final, justamente para não provocar análises pontuais e sim convidar para dialogar você também com essas propostas já concretas e vivenciadas, que necessitam de braços que deem as mãos nessas cirandas do Bem-viver.

Citamos alguns que vivem as experiências e hermenêuticas aqui relatadas, que podem ser conhecidos através das redes ou dos encontros presenciais: MEL (Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras); NOVAS (Novas Narrativas Evangélicas); NÓS (Nós na Criação); Movimento Laudato Si; Fé no Clima; MNE (Movimento Negro Evangélico); JUFRA (Juventude Franciscana); CAJUEIRO (Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude); PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular).

Questões para reflexão

1. Como você percebe e interpreta os muitos entrecruzamentos do contexto atual?
2. De que formas as juventudes atuais podem protagonizar novos caminhos que conduzam a vida com dignidade para todos os seres humanos e toda a Casa Comum?
3. Comente seu parecer quando a uma das quatro propostas já vivenciadas por movimentos de Juventudes em nosso país?

Referências

AMALADOUSS, Michael. **Promover Harmonia. Vivendo em um mundo pluralista.** São Leopoldo: Unisinos, 2006

⁸ AMALADOUSS, Michael. *Promover Harmonia. Vivendo em um mundo pluralista.* São Leopoldo: Unisinos, 2006, p. 189

BOFF, Leonardo e MIRANDA, Márcia. O caminho do Bem Viver: uma mística libertadora. In: COSTA, Rosemary Fernandes e ROCHA, Felipe. (orgs.) *A Mística do Bem Viver*. Belo Horizonte, Senso, 2019

BOFF, Leonardo. *Ecologia. Grito da terra, grito dos pobres*. Petrópolis; Vozes, 2015

FRANCISCO, Papa. *Carta do papa Francisco para o evento “Economia de Francisco”*. Assis, 26 a 28 de março de 2020. Vaticano: Editrice. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019>. Acesso em: 19 jul. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. Assis, 2020. Vaticano: Editrice. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 19 jul. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Laudate Deum a todas as pessoas de boa vontade, sobre a crise climática*. Outubro, 2023. Vaticano: Editrice. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html. Acesso: 19 jul. 2025.

HOYER, Daniel. Juventudes na policrise. Resiliência, colapso e oportunidade. In: *IHU on line*. Disponível em <https://ihu.unisinos.br/184-conferencistas/652681-prof-dr-daniel-hoyer>. Acesso em: 18 jul. 2025

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

LATOUCHE, Serge. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.